



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Ensino estatal, técnico e secundário em agricultura: o projeto do belga Morimont para São Paulo entre 1893 e 1896

State, technical and secondary education in agriculture: the Belgian Morimont's project for São Paulo between 1893 and 1896

Rodrigo Sarruge Molina

Orcid: 0000-0002-4033-6049

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil,
Email: molinaprof@hotmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2025v8n1ID38856

Citation: Molina, Rodrigo Sarruge; . (2025). Ensino estatal, técnico e secundário em agricultura: o projeto do belga Morimont para São Paulo entre 1893 e 1896. *History of Education in Latin America - HistELA*, 8(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/38856>

Competing interests: The author has declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Received: 16/01/2025

Approved: 23/07/2025

OOPEN ACCESS

Resumo

Esta pesquisa tem como objeto a História da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz que foi inaugurada em 1901 na cidade de Piracicaba e faz parte da Universidade de São Paulo. No entanto, o recorte cronológico de nossa análise serão os anos de 1893 a 1896, quando a Secretaria de Agricultura paulista contratou na Bélgica o engenheiro agrônomo Léon Morimont que ficou encarregado de dirigir a institucionalização dessa fazenda-escola. O objetivo da pesquisa será compreender os motivos do governo paulista contratar Morimont e eleger a cidade de Piracicaba com centro da educação agrícola do interior. As principais fontes primárias analisadas são documentos manuscritos, mapas e relatórios. O referencial teórico e metodológico é o materialismo histórico e dialético.

Palavras-chave: Esalq/USP. Piracicaba. Morimont. Ruralismo. Educação Agrícola.

Abstract

The subject of this research is the history of the Luiz de Queiroz College of Agriculture, which was inaugurated in 1901 in the city of Piracicaba and is part of the University of São Paulo. However, the time frame of our analysis will be the years 1893 to 1896, when the São Paulo Department of Agriculture hired agronomist Léon Morimont from Belgium, who was in charge of directing the institutionalization of this farm-school. The aim of the research will be to understand why the São Paulo government hired Morimont and chose the city of Piracicaba as the center of agricultural education in the interior. The main primary sources analyzed are handwritten documents, maps and reports. The theoretical and methodological framework is historical and dialectical materialism.

Keywords: Esalq/USP; Piracicaba; Morimont, Ruralism; Agricultural Education

Resumen

El tema de esta investigación es la historia de la Escuela Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, inaugurada en 1901 en la ciudad de Piracicaba y perteneciente a la Universidad de São Paulo. Sin embargo, el corte cronológico para nuestro análisis serán los años 1893 a 1896, cuando el Departamento de Agricultura de São Paulo contrató al agrónomo belga Léon Morimont, responsable de dirigir la institucionalización de esta granja-escuela. El objetivo de la investigación será comprender por qué el gobierno de São Paulo contrató a Morimont y eligió la ciudad de Piracicaba como centro de enseñanza agrícola en el interior. Las principales fuentes primarias analizadas son documentos manuscritos, mapas e informes. El marco teórico y metodológico es el materialismo histórico y dialéctico.

Palabras clave: Esalq/USP. Piracicaba. Morimont. Ruralismo. Educación agrícola.

Introduçãoⁱ

O Estudo tem como objeto de análise a atual Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) que fica localizada na cidade de Piracicaba-SP e foi inaugurada oficialmente em 1901. No entanto, o objetivo do estudo será analisar o contexto preliminar de inauguração da instituição, especificamente um dos projetos de construção dessa fazenda-escola. Por isso, o recorte cronológico de estudo será a transição do século XIX para o XX, quando o governo paulista contratou entre 1893 a 1896 o engenheiro agrônomo belga Léon Alphonse Morimont para administrar a fazenda estatal “São João da Montanha” e sua adequação para o ensino agrícola de nível secundário. Nesse sentido, o problema de investigação será investigar o que Morimont pretendeu implantar em Piracicaba e qual era a proposta educacional desse estrangeiro. Porque o governo de São Paulo por meio da Secretaria de Agricultura contratou em 1893 um engenheiro belga para dar seguimento a construção de uma escola que foi idealizada pelo brasileiro Luiz Vicente de Souza Queiroz em 1881?

Esse estudo se enquadra no campo de pesquisas sobre História da Educação, especificamente a linha de História das Instituições Escolares. Nesse sentido, iremos optar pela orientação do materialismo histórico e dialético por meio das seguintes referências teóricas e metodológicas: Saviani (2011), Sanfelice (2016), Buffa & Nossela (2009) e Molina (2018).

Seguindo as orientações de Sanfelice (2016), nesse estudo o fundamental é responder as seguintes problemáticas: quais as intenções políticas e econômicas na construção dessa instituição escolar? O que se pretendia instituir com esse projeto de instituição? A quais aspirações sociais os sujeitos envolvidos na construção da escola gostariam de responder? Qual o sentido de instituir uma fazenda-escola em Piracicaba com recursos da Secretaria da Agricultura na transição do século XIX para o XX?

Nesse sentido, para responder as problemáticas acima elencadas, ao utilizar o materialismo histórico-dialético para estudar essa instituição escolar, nosso objetivo não é apenas repetir a história oficial da Esalq, mas sim desvendar as relações sociais subjacentes aos fenômenos observados nas fontes primárias e secundárias. Em outras palavras, buscamos nesse estudo ir além da aparência e fazer mediações revelar as contradições desse processo histórico, aquilo que Saviani (2011) afirma: “a face oculta da lua”, ou seja, a realidade do projeto escolar em Piracicaba está atrelado a inúmeros interesses culturais, políticos e econômicos locais, estaduais, nacionais e até internacionais.

Portanto, segundo Molina (2018), os historiadores devem romper com a visão positivista de que a história é uma mera descrição de fatos objetivos, encontrados nos documentos. Ao contrário, a história é construída socialmente e influenciada por diferentes perspectivas. As sociedades não são estáticas, mas se transformam ao longo do tempo, moldadas por suas condições materiais e culturais.

Dante dessas considerações, a pesquisa analisou uma série de fontes primárias que estão no acervo do Museu “Luiz de Queiroz” da Esalq/USP. Nesse museu, consultamos uma pasta com cartas manuscritas entre os anos de 1894 a 1896, onde Léon Morimont redigiu informações diárias da construção da fazenda-escola e troca de informações entre políticos e proprietários rurais da região. Essas correspondências evidenciam o cotidiano de uma fazenda-escola no interior paulista no século XIX, com uma série de conflitos, como era a falta de organização do trabalho e normas trabalhistas, ameaças de greves, conflitos entre os empregados e os dilemas e desafios de se implantar uma escola agrícola em uma fazenda no município de Piracicaba do século XIX.

Além das correspondências manuscritas de Morimont, também analisamos um relatório que Morimont produziu em 1893, destinado à Secretaria da Agricultura de São Paulo. Essa fonte impressa é rica de informações sobre a visão ideológica de Morimont, sua compreensão acerca da agronomia, política, economia e educação, desde os aspectos mais práticos da construção da escola, como o programa curricular, a arquitetura e a seleção dos alunos e professores.

Também foram fontes primárias os artigos que Morimont publicou na imprensa local, o jornal *Gazeta de Piracicaba* e o periódico científico “*Revista Agrícola*”, ambos também do acervo do museu “Luiz de Queiroz” (Esalq/USP).

Segundo Buffa e Nosella (2009), a interpretação dessas fontes históricas por meio do materialismo histórico e dialético é um processo científico, sempre influenciada pela perspectiva teórica, ética e política do pesquisador. Por isso, trata-se de um processo em que iremos questionar a veracidade desses documentos históricos, evitando a mera transcrição deles como verdade absoluta. Afinal, as fontes históricas são produtos de seu tempo e carregam as marcas da sociedade que a constituiu, repleta de intenções, ditos e não-ditos.

Antecedentes históricos do projeto de Morimont

A Esalq/Usp foi idealizada em 1881 por iniciativa privada de Luiz Vicente de Souza Queiroz, herdeiro de um dos maiores proprietários de terras da província de São Paulo. Ficou famoso por ser um industrial do ramo de tecidos e político orgânico do Partido Republicano Paulista. Após residir décadas na França, resolveu trazer as modernidades científicas da educação agronômica para Piracicaba. No entanto, seus esforços individuais de construção de uma escola agrícola foram dificultados por questões políticas (Perecin, 2004).

Luiz de Queiroz foi um burguês liberal e presidiu a comissão abolicionista da cidade. Lutava fim legal da escravidão em curto prazo e sem indenização aos proprietários de escravos. Esse posicionamento de Queiroz o colou em atrito com diversos setores da oligarquia, especialmente com os setores do Partido Republicano Paulista liderados por Prudente de Mores, que se visavam postergar a abolição e defendiam a indenização aos proprietários de escravizados (Molina, 2011).

Na concepção de Queiroz, a abolição, a instrução e as ciências eram uma tríade inseparável da modernização do país. Em decorrência de sua oposição abolicionista “radical” foi isolado em seu partido e teve seus projetos engavetados pela maioria conservadora, inclusive seu projeto educacional em agricultura.

Não desistiu da escola e somou forças por meio de um coletivo de produtores rurais e políticos. Fundou e presidiu a Associação *Brazilian Gentleman* em 1891 com o objetivo de construir o “Colégio Agrícola de São Paulo”. Conseguiram adquirir fundos suficientes para comprar a fazenda “São João da Montanha”, futura instalação da fazenda-escola. No entanto, essa associação privada enfrentou dificuldades financeiras, forçando Queiroz solicitar ajuda do poder público. Porém, como dissemos anteriormente, Queiroz era *persona non grata* em diversos espaços pela sua liderança abolicionista, dificultando a ajuda financeira do governo e prefeitura para a construção da escola. Além disso, Queiroz também enfrentava barreiras culturais de parte da elite da época que viam o esforço de construir uma escola de agricultura como desnecessário. Essa ignorância fica clara na imprensa da época, quando alguns “intelectuais” advogavam contra o projeto educacional. Conforme podemos ver em um artigo assinado por “Cincinatus”, no jornal “Gazeta de Piracicaba” publicava-se: “Qual escola! Para plantar batatas não é preciso estudar!” (Guerrini, 1970, p. 192).

No fim, o projeto educacional privado presidiu por Queiroz por meio da Associação *Brazilian Gentleman* entrou em falência. Porém, por meio de uma manobra inteligente, Queiroz conseguiu dar seguimento ao empreendimento educacional, doando a fazenda “São João da Montanha” ao estado com a condição que naquele espaço fosse construída uma escola agronômica. Assim, o empreendimento privado foi estatizado, sendo que Luiz de Queiroz conseguiu que em contrapartida o governo paulista resarcisse financeiramente o coletivo *Brazilian Gentleman* e sua fazenda onde estava sendo construído o Colégio Agrícola do Estado de São Paulo (Molina, 2011, p. 92).

Em novembro de 1892, o governo paulista nomeou temporariamente Ernest Lehmann, agrônomo austríaco do Instituto Agrônomo de Campinas para dirigir a fazenda até a chegada do novo responsável pelo empreendimento educacional: Léon Aphonse Morimont em 1893.

Da Bélgica para o Brasil: Léon Aphonse Morimont e o projeto educacional em agricultura

Segundo as correspondências manuscritas de Léon Morimont, a fazenda passada pela Associação *Brazilian Gentleman* dirigida por Luiz de Queiroz ao governo paulista era de total abandono. O local estava em “condições tão deploráveis (Morimont, 1895, p. 8).

A passagem da fazenda para a secretaria de agricultura ocorreu oficialmente na gestão do secretário Jorge Tibiriça Piratininga em dezembro de 1893, que na época era denominada: “Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo”. Para administrar a fazenda “São João da Montanha” e levar adiante a construção do Colégio Agrícola de São Paulo, o estado paulista contratou Léon Morimont pelo salário mensal de 700\$000 (Réis).

Léon Alphonse Morimont nasceu em Arbre (Namur) na Bélgica em 1850. Teve sua carreira acadêmica consolidada em Gembloux, hoje conhecida como *Gembloux Agro-Bio Tech* da *University of Liège*. Antes de chegar a Piracicaba, Morimont havia administrado fazendas na Europa e África, especialmente no Senegal, Itália, Portugal, França, Espanha (Pfromm Netto, 2013).

No Brasil, ao mesmo tempo que administrava o projeto da fazenda-escola “São João da Montanha”, deu seguimento a sua carreira acadêmica que foi iniciada em Gemblouxⁱⁱ publicando artigos em periódicos científicos e textos na imprensa, como podemos notar suas intervenções na “Revista Agrícola” e na “Gazeta de Piracicaba”. Em seus textos, defendia o crescimento da economia brasileira por meio da agricultura científica e a escola de Piracicaba como um dos motores desse progresso capitalista dos proprietários paulista. Sua ideia era disseminar a técnica agronômica, ou seja,

o conhecimento do solo, da sua correção, da recuperação ou estimulação da fertilidade por manipulação de agentes organominerais; pela aplicação da força mecânica no rendimento do trabalho, onde faltava mão-de-obra; pelo estímulo das indústrias rurais; pela irrigação, drenagem e agrimensura. (Perecin, 2004, p. 137).

Nesse sentido, para Morimont, os métodos rotineiros e tradicionais ligados ao sistema extensivo de agricultura de tempos monárquicos e coloniais deveriam ser substituídos pelo projeto de sistema intensivo dos tempos da República (Costa, 1997), ou seja, ao contrário do que aconteceu no vale do Paraíba, quando os recursos naturais das terras de antigas fazendas foram exauridos causando diversos problemas ambientais como a erosão e a destruição de fontes d’água, o projeto Morimont previa a utilização racional das terras visando sua preservação ambiental que resultaria em ganhos econômicos.

Portanto, na concepção de Morimont, por meio da escola, os conhecimentos agronômicos poderiam evitar a destruição de novas áreas de florestas e matas férteis para a construção de novas fazendas, especialmente por razões econômicas, pois a abertura indiscriminada de novas fazendas em terras novas poderia derrubar os preços do café pela superprodução e alta disponibilidade do grão no mercado, em contrapartida, focar em poucas e modernas fazendas poderia controlar a produção e valorizar os preços no mercado internacional, valorizando “os preços dos produtos de exportação” (Perecin, 2004, p. 167). Grosso modo, poucas propriedades muito produtivas seriam mais vantajosas que muitas propriedades pouco produtivasⁱⁱⁱ.

Para sustentar essas ideias em seus textos publicados, Morimont recorreu aos paradigmas europeus como exemplos de produtividade da indústria agrícola, destacando o caso da França e Bélgica. Vejamos abaixo um trecho original da redação publicada em 1895 por Morimont que defendia as escolas francesas de agricultura e seus benefícios para a economia daquele país.

é interessante observar que a criação daquela vasta rede de Escolas, bem prompto produziu resultados assombrosos: 20 annos depois, o espírito scientifico tinha chegado ás fazendas de todos os recantos do paiz, e a producção agricola, cereaes e gado, apresentava aumento fabuloso de um billião de francos por anno^{iv}. (Morimont, 1895, p. 9).

Nessa seara educacional, Morimont, para além do modelo europeu, também advogava favorável ao modelo de escolas agrícolas dos Estados Unidos. Essa defesa fica clara em artigo publicado na imprensa no jornal Gazeta de Piracicaba em 1893. Vejamos o trecho abaixo:

Devidos, em grande parte, ás engenhosas aplicações da Mecânica e da Química, estes progressos foram, como é sabido, poderosamente propagados pelas escolas industriais e as escolas agronômicas. Pode-se dizer até, como aforismo de Economia Política, que os países mais adiantados hoje, são precisamente os que sustentam as mais afamadas escolas profissionais. (Morimont, 1893).

Após compreendermos algumas ideias de Morimont sobre educação, a seguir iremos adentrar ao cotidiano de construção da fazenda-escola “São João da Montanha” em Piracicaba na transição do século XIX para o século XX.

Morimont e a contratação de trabalhadores para a construção da Escola

A construção da escola foi um empreendimento estatal que contou com a participação de diversos especialistas estrangeiros. Entre eles, Léon Morimont, que em 1895 apresentou um relatório detalhando de sua experiência na cidade por meio de um estudo comparativo com suas antigas experiências em outros empreendimentos educacionais na África e Europa (Morimont, 1895).

O grande objetivo de Morimont era transformar a fazenda estatal “São João da Montanha” em um grande modelo gestão agrícola para os produtores do Estado de São Paulo. Ou seja, por meio de uma gerência científica e pelas técnicas agronômicas, a fazenda-modelo teria alta produtividade e lucratividade, servindo de exemplo para a classe ruralista^v

A criação dessa “fazenda-modelo” demandaria do poder público a contratação de uma série de trabalhadores de variadas especialidades, desde agricultores até engenheiros. Como o projeto era dirigido por Morimont, esse influenciou a contratação de outros especialistas belgas. Segundo Perecin (2014), a equipe belga que trabalhou entre 1893 e 1895 em Piracicaba era composta pelo secretário A. Ledent, o desenhista Fr. Hennzler e o horticultor Arsène Puttemans - projetor do parque da fazenda.

Segundo os documentos (Morimont, 1895), entre 1893 e 1896, haviam sido contratados 81 trabalhadores braçais, sendo 28 mulheres e 53 homens, destes 59 eram maiores de 14 anos. A nacionalidade dos trabalhadores era diversificada, sendo 8 da Escandinávia, 19 portugueses, 26 italianos e 28 brasileiros (24 negros e 4 brancos). A jornada diária de trabalho dos obreiros era de 12 horas, com direito a uma pausa de uma hora para o almoço. Os salários não forneciam refeições, sendo responsabilidade dos trabalhadores levarem seus alimentos para o local de trabalho. Para produzir seus alimentos, a direção da fazenda disponibilizava uma pequena quantidade de terras para o plantio de subsistência dos colonos, que eram lavradas especialmente nos finais de semana. Esses colonos também recebiam casas, próximas da antiga senzala da fazenda, “agora adaptadas para o novo contexto de

trabalho livre e transformadas em 11 residências para colonos sob vigilância de Morimont" (Molina, 2011).

Um fato inovador nessa região de Piracicaba^{vi}, foram os movimentos grevistas desses trabalhadores, especialmente os italianos que trouxeram em sua bagagem uma tradição de lutas operárias de sindicatos. Conforme as fontes históricas, o diretor Morimont estava em preocupado, pois caso os trabalhadores não recebessem seus salários em dia, iriam abandonar os trabalhos da construção da escola-fazenda. Na correspondência que Morimont redigiu para o secretário da Agricultura, Jorge Tibiriça Piratininga, o diretor em "pânico"^{vii} solicitava a liberação das verbas estatais urgentemente para o pagamento dos salários atrasados. Vejamos a citação seguinte com um trecho da carta de 1894: "Cinco contos sempre esperados, pessoal ameaça greve amanhã, suplico providências urgentes" (Morimont, 1894).

Para além da falta de verbas do governo paulista, o que provocava ameaças de greves, nos documentos. Morimont também mostrava sua preocupação com a falta de mão de obra qualificada para a construção do complexo escolar na Fazenda "São João da Montanha". Suas queixas eram relativas a falta de especialistas em ferramentas (ferreiros), carpinteiros e pedreiros para erguer os prédios da escola. A solução para o diretor estava na contratação de mais imigrantes europeus, pois Piracicaba estava com falta desses trabalhadores especializados. Outra reclamação de Morimont perante as autoridades era a falta de segurança na fazenda, que era furtada constantemente.

O projeto arquitetônico-educacional da fazenda-escola

Morimont foi responsável pela elaboração do projeto inicial da escola, que previa a construção de um edifício principal (prédio-central) com diversas funcionalidades. Para articular o prédio central onde funcionaria as aulas, laboratórios e administração central com os campos de experiência agrícola, Morimont realizou um estudo topográfico da fazenda, visando um aproveitamento racional do espaço geográfico da fazenda com objetivos didáticos e pedagógicos, onde a teoria e a prática conviveriam harmonicamente. O prédio central estaria em um local estratégico da fazenda, o mais elevado possível, onde possibilitaria maior controle e disciplina dos alunos e fiscalização dos funcionários (Perecin, 2004).

O projeto de prédio imaginava esse edifício como centro da vida escolar, nesse espaço iriam ocorrer as aulas teóricas, as refeições, o convívio, o estudo e o descanso dos alunos. Além das salas de aula, foram pensados laboratórios, biblioteca, refeitório e dormitórios para 100 alunos do sexo masculino. Esse prédio também abrigaria a copa/cozinha, adega, sala da congregação, lavanderia e quartos dos funcionários. Os professores e diretor teriam casas particulares dentro da fazenda para seu convívio familiar.

Ao redor do edifício escolar ocorreriam as atividades práticas. Um exemplo disso foi o planejamento da construção de um posto de posto zootécnico para o curso de indústria pastoril com uma destilaria conectada aos ensinamentos de tecnologias sucroalcooleiras.

Morimont também defendeu a criação de diversos campos de experiência agrícola para o treinamento de atividades de culturas variadas, especialmente para atender aos interesses dos produtores rurais vizinhos da escola. Os campos iriam realizar experimentos principalmente com as culturas destinadas para a exportação, como

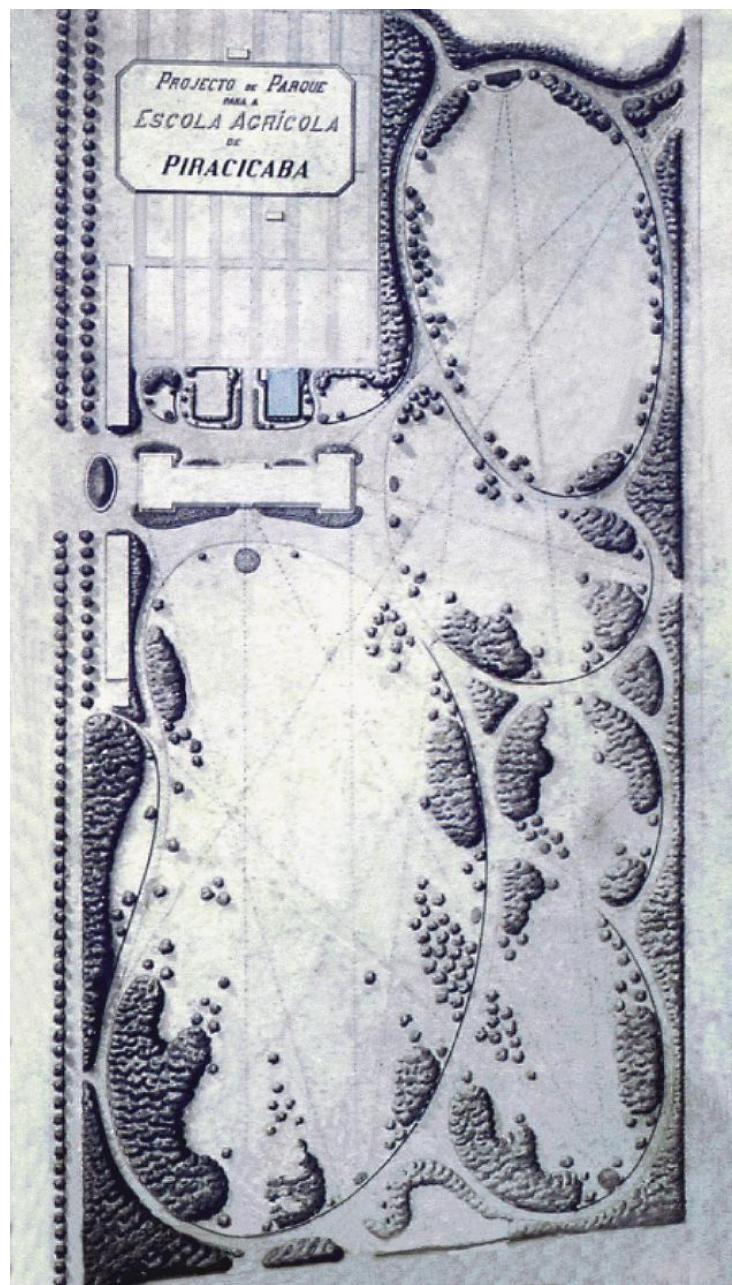
era o algodão, fumo, café e cana-de-açúcar. Secundariamente estavam previstos estudos com culturas para o abastecimento doméstico, como a mandioca, arroz, feijão, batata e milho. Para além dos campos com plantas, nos postos zootécnicos, a escola faria experiências com a culturas de animais em suas distintas variedades, especialmente os bovinos, suínos, cavalares, gados, muares, lanígeros. O grande objetivo seria um aperfeiçoamento de raças e rebanhos para o contexto geográfico e climático paulista e fomentar uma indústria pastoril.

Para essas atividades práticas, estava prevista a construção de um pavilhão de máquinas agrícolas e ferramentas articulada ao curso de engenharia agrícola, estação meteorológica aos conhecimentos agronômicos e um museu de história natural para os conhecimentos da biologia. Sementes, plantas e adubos estariam concentrados no galpão das estrumeiras, corroborando para os conhecimentos sobre fertilizantes orgânicos.

A escola-fazenda seria autossuficiente em alimentos e energia. Grande parte dos alimentos dos alunos, funcionários e professores deveria ser produzido pela própria fazenda e a energia elétrica seria proporcionada por uma pequena usina. Essa usina seria hidroelétrica e seus motores seriam movidos pelo movimento das águas do Rio Piracicamarim que cruzava a propriedade. Essa independência elétrica poderia proporcionar luz para a escola e bombear água do Rio, facilitando a irrigação das culturas nos campos de experiências (Morimont, 1895).

Vejamos a seguir o desenho original do projeto da escola:

Figura 1: Desenho do mapa da escola agrícola



Fonte^{viii}: Museu “Luiz de Queiroz” (Esalq/USP).

A construção desse complexo agronômico e educacional, também recebia incentivos particulares de produtores rurais da região. Como ficou clara em documentação publicada em 1895, Paulo de Moraes da fazenda Santa Rosa ofertou seus cafezais para as futuras experiências científicas, o senador da República Gil Diniz Goulart, proporcionou animais e recursos federais; Albino José Barbosa de Oliveira doou uma coleção de sementes e plantas agrícolas e Barão Geraldo de Rezende da Estação Agronômica de Campinas presenteou a escola com um casal de Zebus. (Morimont, 1895)

A concepção educacional e agronômica de Morimont

As fontes primárias revelam que Morimont desembarcou no Brasil inspirado pelas experiências europeias em educação e pesquisas agronômicas, o que ele definia como a “riqueza das nações”^{ix}. Dentro desse “espírito” liberal e científico, pretendeu

modernizar a recém-nascida República brasileira, que no momento de chegada de Morimont contabilizava 4 anos.

Para além de sua excelência acadêmica, Morimont também foi contratado pelo estado paulista por seu pensamento educacional estar atrelado aos interesses ruralistas, ou seja, nos textos de Morimont fica claro seu pensamento agronômico alinhado as perspectivas econômicas fisiocráticas, onde a agricultura seria o principal vetor para reerguer os países após as crises econômicas capitalistas. Para legitimar seus discursos, trouxe exemplos de recuperação econômica de potências europeias após investimentos em educação e modernização da produção agrícola, principalmente após os distúrbios financeiros de 1873, conhecida como a grande depressão do século XIX (Coggiola, 2009).

Assim, a escola de Piracicaba deveria caminhar nos mesmos trilhos das escolas belgas para sua modernização capitalista, replicando nos trópicos as modernidades agronômicas. Dentro desse projeto previa-se a constituição da escola dentro do princípio da fazenda-modelo, ou seja, a escola deveria ser uma fazenda piloto - modelo de gestão e produtividade.

Por meio de ser seus vastos campos de experiências, o conhecimento científico traria o aumento da produção agrícola e isso ocorria pela concepção teórico-prática da escola, onde a teoria estaria em unidade com a metodologia (ciências aplicadas e ciências básicas caminhando juntas).

Por isso, ao ser contratado pelo estado paulista, Morimont ficou encarregado de construir uma escola-fazenda de nível técnico e básico, o que na época era denominado como ensino prático de segundo grau. Com todos os cuidados para evitar anacronismos e “forçar” nossas fontes históricas dizerem aquilo que acreditamos (Hobsbawm, 1998), podemos fazer paralelos e comparações entre o projeto Morimont de 1893 com a educação do ano de 2025, assim, podemos imaginar que o projeto do século XIX era um tipo de estabelecimento educacional de ensino médio e técnico em agricultura, algo próximo do que ocorrem nos contemporâneos Institutos Federais. No entanto, ao mesmo tempo que são próximas na proposta de oferecer ensino médio técnico para jovens eram diferentes em muitos aspectos.

A escola funcionaria em regime de internato em alojamento coletivo para a elite paulista. Somente seriam aceitos meninos com idade mínima de 15 anos e com o diploma do curso primário. Além dessas exigências admissionais, estava prevista a cobrança de anuidades dos alunos. Os valores seriam cobrados na moeda da época que eram os “Reis”, no montante de 50\$000 para a realização da matrícula e uma anuidade no “valor de 450\$000”. (Morimont, 1895, p. 31). Como toda a cautela, visto que é complexo trabalhar com valores monetários e a História Comparativa, esses valores atualizados para a realidade de 2025 poderiam ser imaginadas em uma matrícula de 6 mil reais e uma anuidade de 55 mil reais^x (Diniz, 2015).

Como se tratava de uma instituição escolar “pública”, mas que tinha cobranças de mensalidades, essa escola também previa a concessão de bolsas de estudos para jovens carentes.

O diretor Morimont previa o funcionamento de um regime de internato de “disciplina paternal, sem fracas contemplações antidemocráticas” (Morimont, 1895, p. 23), ou seja, a regra seria igual para todos os alunos, sem distinções. O cronograma proposto para o funcionamento desse internato agrícola era rígido, começando às 4:30 da manhã no verão e às 5:00 no inverno. Após o café, iriam realizar os exercícios práticos nas lavouras, estabulos e oficinas, pois a temperatura era amena pela manhã. Após o almoço, quando a temperatura era mais elevada, dariam início aos trabalhos

teóricos nas salas de aula e nos laboratórios. Entre o jantar e a ida aos dormitórios, os alunos teriam horários livres para leituras e outras pendências pessoais.

A proposta pedagógica de Morimont era inovadora na área da educação rural, pois o que se aprenderia nos livros era testado na prática nos campos, ou seja, a escola funcionária como uma fazenda-oficina. Assim, os principais eixos educacionais seriam divididos em: a) conteúdos teóricos com foco nas disciplinas de física, matemática e biologia; b) conteúdos práticos, com atividades nas lavouras e posto zootécnico. A ideia era que os alunos não apenas estudassem sobre, por exemplo, os livros sobre a cafeicultura, mas que também vivenciassem na prática a aclimatação de novas espécies, os cuidados com a plantação e a colheita. Vejamos abaixo a explicação de Perecin (2004) sobre essa proposta educacional:

O que se teorizava nos estudos se praticava, imediatamente, na fazenda-oficina. Essa proposta didático-pedagógica era lançada por Morimont no Brasil, em dois níveis: 1) lições, estudos e interrogações; 2) exercícios práticos nas lavouras, armazéns, estábulos, laticínios e oficinas. Como parte da ação teórico-experimental, no primeiro nível, previa um mínimo de conhecimentos teóricos distribuídos no interior dos conteúdos programáticos segundo as disciplinas básicas, física, matemática, botânica, zoologia, química, mecânica agrícola, anatomia e fisiologia animal, veterinária, zootecnia e técnicas agrícolas. As atividades prático-demonstrativas incluíam como objetos de curso a cafeicultura (a aclimatação das espécies mais resistentes à geada, os diversos tratos culturais), a vinicultura e o melhoramento das espécies vegetais. (Perecin, 2004, p. 138).

Embora as fontes primárias não indiquem claramente a concepção pedagógica da equipe de Morimont, tudo indica que eram influenciados pelo método intuitivo ou “lições de coisas” (Valdemarim, 2004), pois além das articulações entre lições teóricas e práticas, Morimont também projetou a construção de um museu de ciências naturais com foco para a agronomia. Esse museu seria composto por uma exposição de máquinas agrícolas modernas, fertilizantes, animais, replica de animais e outras novidades. Esse museu estaria em articulação com a sociedade local, promovendo cursos com a comunidade de agricultores do interior paulista, o que na contemporaneidade denominamos de cursos de extensão (Morimont, 1895).

Esses cursos abertos a comunidade^{xi}, que ocorriam aos domingos, iriam fortalecer os laços entre a escola e os produtores rurais, o que poderia fortalecer a economia rural, visto que os produtores conscientes da importância da agronomia iriam abrir suas propriedades para as inovações tecnológicas, inclusive disponibilizando terras, animais e sementes para os experimentos científicos da escola.

O documento de 1895 redigido por Morimont também orienta a questão dos “recursos humanos” na futura escola, especialmente a contratação de professores. Esses deveriam ser formados em engenharia (agronômica ou industrial), medicina veterinária, ciências naturais, horticultura. Para os candidatos residentes no Brasil, teriam preferência aqueles formados e que trabalharam na escola Politécnica de São Paulo, hoje conhecida como Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (PolI-USP). Os professores teriam liberdade de cátedra e, portanto, seriam os responsáveis pelas ementas, programas e cronogramas de suas disciplinas.

Vejamos abaixo uma citação de Morimont, respeitando o português do engenheiro belga na transição do século XIX para o XX. Nessa citação, temos a síntese do relatório com as informações relativas as disciplinas que deveriam ser ministradas em Piracicaba:

- a) *Agricultura* – Cultura geral; Culturas especiais; Horticultura; Arboricultura; completada por um curso de Economia Rural e Florestal

- b) *Engenharia Rural* – Mathematicas, Desenho linear; Agrimensura; Elementos de Mechanica; Motores e Apparelhos agrícolas; Drenagem; Irrigação; Construções rurales.
- c) *Sciencias Naturaes* – Elementos de Physica, Meteorologia e Chimica; Rudimentos de Mineralogia, Geologia e Zoologia; Botânica e Herborizações. Exercícios de Microscopia e Trabalhos de Laboratório.
- d) *Zootechnia e Industria Pastoril* – Anatomia; Physiologia animal; Hygiene; Alimentação Racional e Engorda. Criação dos animaes domésticos.
- e) *Technologia* – Industrias Agrícolas principais do paiz.
- f) Administração – Preceitos de Moral Cívica; Princípios de Direito Rural; Escripturação e Contabilidade; Contractos, etc. (MORIMONT, 1895, p. 23).

Chama a atenção o ponto “f” de administração que contempla conteúdos de “Preceitos de Moral Cívica”, o que mostra que a escola teria uma linha política e ideológica definida, o que o conjunto de fontes primárias e secundárias de 1893 a 1896 indicam ser a concepção econômica fisiocrática, liberal e mesclados com valores e estrutura social conservadores de tempos coloniais, ou seja, misturando preceitos modernos da agronomia belga com as relações sociais conservadoras de um país marcado pela escravidão, melhor explicando, o projeto estava dentro da dinâmica da Modernização Conservadora^{xii}, um aspecto recorrente na História do Brasil.

As disciplinas seriam avaliadas de acordo com práticas nos campos e laboratórios, assim como em provas teóricas em sala de aula, que previam seminários, provas orais e escritas. Para concluir o curso e receber o diploma de técnico em agronomia, também seria exigido uma dissertação de conclusão de curso que seria focado em alguma cultura agrícola e também a realização de estágios práticos em fazendas ou indústrias rurais. Nesses estágios práticos o foco seria na simulação da administração de fazendas e indústrias, onde seriam avaliadas a simulação da gerencia da produção. Dentro do espírito meritocrático, o projeto de Morimont previa a concessão de bolsas para estágios na Europa para os alunos com os melhores resultados nos exames, visando o aperfeiçoamento acadêmico e profissional (Perecin, 2004).

Segundo afirmava a equipe belga encarregada de construir a escola, essas disciplinas e exames dariam bases para os alunos se formarem como “administradores ou fundadores de fazendas e indústrias agrícolas” (Morimont, 1895, p. 13). O projeto advogava que esses jovens agrônomos deveriam ter preferência para serem contratados em cargos de administração e serviços agrícolas do Estado, como eram, por exemplo, os diversos postos agrícolas e zootécnicos que estavam sendo criados no Estado de São Paulo, desde a capital até o interior, como era o caso das unidades experimentais e educacionais de Nova Odessa, Batatais, Campinas, Iguape, São Sebastião, Araras e as unidades ambulantes nos vagões de trem (Molina, 2011).

Portanto, nessa transição do século XIX para o XX, parte da classe dominante paulista projetou um complexo científico e educacional para modernizar o campo do ponto de vista das indústrias rurais europeias e dos Estados Unidos. Nesse contexto foram criadas instituições fundamentais para o “Agro”, como em 1887, o Instituto Agronômico de Campinas (hoje IAC), em 1893 o curso superior de agronomia da Politécnica de São Paulo (hoje Poli-USP). No entanto, algo parecia não funcionar em Piracicaba, pois em 1896, o projeto belga de ensino secundário foi encerrado abruptamente e Morimont demitido pelo governo paulista.

A demissão de Morimont em 1896 e a paralização das obras da escola

Como o título desse tópico indica, as construções da fazenda-escola foram paralisadas e a equipe Belga liderada por Morimont foi demitida em 1896. Esta paralização intrigou nossas investigações. Por que ocorreu essa paralização abrupta? O que as fontes primárias e secundárias podem revelar?

Assim, nossa pesquisa procurou compreender essa paralização nas obras e encontramos 3 fatores fundamentais para essa paralização da construção da escola agrícola. O primeiro é de razão econômica, o segundo político e o terceiro cultural, ambos fatores estão relacionados e não se separam, ou seja, estão articulados e são dependentes. Mas por razões didáticas, abaixo iremos separar para melhor explicar.

A questão econômica era de crise na Secretaria de Agricultura de São Paulo, que era a instituição responsável pela construção da escola. São Paulo foi atingido fortemente pela crise economia internacional do capitalismo em 1873, que baixou os preços a demanda pelo café ao mesmo tempo que ocorria uma superprodução do grão, afetando a arrecadação do Estado (Topik, 1987). Em São Paulo, essa crise de 1873 foi sentida com mais profundidade entre 1894 e 1898, derrubando a arrecadação do estado e atingindo a Secretaria de Agricultura do governo paulista de Campos Sales, afetando diretamente a construção da escola agrícola.

No entanto, essa explicação de ordem econômica não se sustenta totalmente, pois nesse mesmo contexto histórico, o governo paulista inaugurava uma série de grupos escolares de educação básica em todo o estado, embora esses grupos fossem responsabilidade de outra pasta do governo que era denominada de Secretaria de Estado do Interior e Instrução Pública, diferente do projeto de Morimont ligado a Secretaria de Agricultura.

Segundo Perecin (2004), Morimont sofreu uma perseguição política em decorrência de atritos com o Partido Republicano Paulista após preparar uma grande festa de afincamento da pedra fundamental de construção da escola. Essas festividades chamaram a atenção de vários grupos desse partido, criando vários atritos internos pela disputa de poder, ou seja, pela capitalização política da festa. A festa de Morimont beneficiou o grupo ligado a Bernardino de Campos e outros políticos da região de Piracicaba e criou atritos com outros grupos de outras regiões paulistas. Esses atritos políticos geraram processos administrativos no interior da máquina estatal que passaram a contestar os gatos e prestações de contas da gestão de Morimont na fazenda-escola, especialmente aqueles ligados as festividades de afincamento da pedra fundamental de construção da instituição.

Foi assim que a ambiciosa iniciativa de criar uma escola prática e agrícola sofreu um revés significativo, sendo paralisada em 1896. Morimont, responsável pelo projeto, tornou-se alvo de críticas e isolamento político por parte do Partido Republicano Paulista, em decorrência de divergências relacionadas às festas e demais prestações de contas da fazenda-escola como os pagamentos de funcionários. Apesar de suas tentativas de esclarecer a situação financeira da escola, o Estado paulista optou pela demissão e exoneração de Morimont por incapacidade administrativa. Desiludido e com a saúde debilitada, ele decidiu retornar à Europa, mas faleceu tragicamente no mar, a caminho de seu destino com apenas 49 anos (Perecin, 2004).

Mas falta um ponto em nossa explicação sobre a paralização da escola, que para além da questão econômica e política, também tem relações com a cultura. Como já

mencionamos no presente artigo, parte da elite paulistana era contra os gastos públicos para a construção de uma escola de agricultura, pois não compreendiam os motivos de uma escola para plantar, visto que pelos métodos rotineiros, tradicionais e conservadores de produção agrícola estavam adquirindo grandes somas de libras esterlinas com a exportação do café. Ou seja, muitos fazendeiros não encontravam razões e explicações para gastar dinheiros em uma escola pública de agricultura. Dentro de seus referenciais de vida e culturais, não compreendiam que investir em educação, ciência e tecnologia poderia ser benefício para seus aparatos produtivos e a “ordem e progresso” advogada na bandeira nacional. Nesse sentido, a maioria da classe política paulista votou favoravelmente para a paralização da construção da escola em 1896.

A escola pensada originalmente por Luiz de Vicente de Souza Queiroz em 1881 e que fora administrada entre 1893 a 1896 por Léon Aphonse Morimont foi inaugurada oficialmente em 1901. Desde Luiz de Queiroz em 1881, passando por Morimont e outros diretores, foram cerca de 20 anos para a escola secundária de agricultura ter seu funcionamento efetivo. A primeira turma de agrônomos práticos do Estado de São Paulo foi diplomada somente em 1903.

No ano de 1934, a escola deixou de ser administrada pela Secretaria de Agricultura e passou para o domínio da Universidade de São Paulo. Hoje a instituição é denominada “Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz” e é um dos principais centros de pesquisa, extensão e educação agronômica da América Latina (Molina, 2016).

Considerações finais

A construção da escola-fazenda proposta por Morimont visou a transformação da agricultura por meio da educação e da ciência. Ao formar agrônomos de segundo grau, o projeto imaginava instruir os produtores rurais com as ferramentas necessárias para modernizar suas atividades do ponto de vista da ciência agronômica e do capitalismo da transição do século XIX para o XX. Esse capitalismo já apresentava suas primeiras crises financeiras, de acumulação e superprodução. São Paulo não passou imune desses distúrbios financeiros internacionais e Morimont por meio da sua defesa da educação e sua fé na fisiocracia objetivou derrotar a crise por meio da superação dos métodos tradicionais, arcaicos e rotineiros do campo por meio da promoção da modernização do setor ruralista paulista, ou seja, levar às luzes da ciência em um país atolado na superstição, no misticismo, no empirismo e no conservadorismo de tempos coloniais e monárquicos.

As fontes primárias analisadas por meio do referencial teórico do materialismo histórico e dialético nos indicam as seguintes conclusões abaixo.

O estado paulista, por meio da contratação de um engenheiro agrônomo Belga, Léon Morimont, para a construção de uma escola revelou sua dependência em relação aos grandes centros, pois o projeto era eurocêntrico e pretendeu “copiar” os modelos estrangeiros de agronomia para o interior paulista, o que revela um problema estrutural brasileiro: a dependência.

Essa dependência aos grandes centros e dificuldades de implantar uma escola agronômica brasileira, revela que nesses primeiros anos da república ocorreu a continuidade das políticas educacionais do Império, ou seja, a falta de um projeto nacional de educação que proporcionasse bases para a constituição de um projeto nacional autônomo de educação, ciência e tecnologia.

Na falta de recursos técnico-científicos nacionais, os paulistas importaram o paradigma europeu, demonstrando nossa dependência “cultural” dos grandes centros, como ainda fica latente no Brasil do século XXI, onde nossas universidades passam por uma avalanche neocolonial denominada pelas forças hegemônicas de “internacionalização”.

De acordo com Ribeiro (2003), nossa histórica dependência técnica-cultural se manifesta em nossa condição periférica que é alimentada por uma constante retardo em relação aos centros criadores. Essas metrópoles, que servem de modelo para as periferias, se alimentam desse atraso em um círculo vicioso, o que dentro do marxismo se comprehende como “desenvolvimento combinado e desigual” (Löwy, 1998).

Essa dependência, como ficou clara na construção da escola, representa um problema de soberania nacional, pois o país é ineficaz na formação de profissionais com a base teórica necessária para transformar a realidade brasileira visando a nossa emancipação em relação a esses centros técnicos-culturais, embora, como a História do Brasil revela, parte da nossa elite é orgânica aos centros imperialistas e se beneficia dessa condição arcaica e subalterna.

Por isso, o projeto Morimont revelou sua fixação pelo “progresso” que tinha um escopo liberal e capitalista, ligado aos interesses da elite paulista, nesse sentido, o projeto educacional belga que se pretendeu montar em Piracicaba visou educar para o comando, ou seja, formar os filhos dos grandes proprietários rurais para dar continuidade a um eficaz controle dos trabalhadores e da fazenda pela moderna administração rural que controlava a produção e a produtividade dos trabalhadores^{xiii}por meio da ciências agronômica.

Ancorados em Gramsci (2001) e por meio da leitura das fontes primárias, podemos afirmar que o projeto do ruralismo paulista era a construção de uma escola de agricultura para formação de agrônomos que exerceriam o papel de representantes da classe dominante e “funcionários do partido ruralista”. Gramsci comprehende essa dinâmica com a categoria de “intelectuais orgânicos”, quando esses jovens trabalhariam como disseminadores de um ruralismo modernizado, ou seja, meninos que lutariam para moldar a visão de mundo da comunidade em que viviam, seja dentro de suas fazendas por meio da influência de familiares e empregados, assim como para fora de suas terras, pois a formação desses agrônomos também objetivava que moldassem a cultura dos pequenos e grandes produtores pelas via da disseminação de uma nova cultura, assim, poderiam trabalhar em cursos, jornais, revistas, rádios e associações rurais.

No entanto, como pudemos observar nas fontes primárias e secundárias, Morimont foi demitido em 1896 e acusado de fraude em contas internas da fazenda-escola por questões políticas, após promover festas eleitoreiras com o grupo políticos de Bernardino de Campos do Partido Republicano Paulista e políticos da região de Piracicaba.

Porém, para além de problemas internos da política local, também comprehendemos que Morimont foi barrado pelas particularidades de um Brasil arcaico e dependente e teve seu projeto engavetado pela condição subalterna do Brasil na divisão internacional do trabalho na “Era dos Impérios” (Hobsbawm, 2004).

Compreende-se que essas dificuldades de implantar a escola está ancorada na incapacidade do Estado brasileiro investir em um projeto estatal e nacional que proporcionasse independência técnico-científicas e educacional.

Portanto, a proposta de Morimont chocava com aspectos de um Brasil que viveu um processo de independência incompleto e uma República oligárquica e conservadora, que por sua característica associada e dependente das grandes metrópoles europeias, tinha dificuldades de se desvincular de uma cultura agrária viciada nos métodos arcaicos, rotineiros, latifundiária, primários-exportador e monocultora.

A cultura hegemônica da nossa elite dirigente era praticante da devastação dos biomas por meio de uma agricultura extensiva. Por isso, não estava interessada e não compreendia a importância de uma agronomia moderna, mesmo que isso promovesse avanços em seus aparatos produtivos. Nesse caso, a falência do projeto Morimont era reflexo do “obscurantismo” de tempos coloniais e monárquicos que não implantaram um projeto de emancipação nacional por meio da educação, ciência e tecnologia.

A escola foi inaugurada em 1901 de forma improvisada e em 1903 teve sua primeira turma de agrônomos. Porém, em seus primeiros anos quase entrou em falência (Molina, 2011).

Em 2025 essa instituição (Esalq/USP) contabiliza 124 anos de existência efetiva e é uma referência para o agronegócio brasileiro e latino-americano, embora marginalmente também desenvolva pesquisas ligadas a agroecologia e agricultura familiar, graças a resistência de professores, alunos e funcionários ligados às classes populares.

Notas

ⁱ Este artigo apresenta resultados da dissertação de mestrado: “Escola Agrícola Prática” Luiz De Queiroz” (ESALQ/USP): sua gênese, projetos e primeiras experiências-1881 a 1903”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Molina, 2011)

ⁱⁱ Os acadêmicos de Gembloux foram organizadores de muitas escolas de agricultura na América Latina (Perecin, 2004, pp. 138-139).

ⁱⁱⁱ Está prática ainda está em vigor em muitos contextos contemporâneos, especialmente nas frentes de expansão amazônica, quando o uso extensivo de terras suga as capacidades produtivas das terras, forçando os produtores abrirem novas frentes de exploração por meio da destruição das florestas virgens. (Ianni, 1979).

^v Morimont previa transformar as terras sob sua administração em uma fazenda piloto que geraria renda por meio de produtos agrícolas comercializados. Os lucros com essas vendas seriam reinvestidos no funcionamento da fazenda-escola

^{vi} Nesse contexto histórico e geográfico é importante relatar a grande greve da fazenda Ibicaba em Limeira-SP em 1856.

^{vii} Nesse mesmo contexto histórico a Bélgica de Morimont vivia grandes movimentos grevistas de trabalhadores, causando acirrada luta de classes na sociedade belga (Luxemburgo, 1978).

^{viii} O projeto Morimont foi desenhado por outro belga: Arsène Puttemans. Esse parque foi batizado em 1907 com o nome de Philippe Westin Cabral de Vasconcellos. Esse desenho tem traçado semelhante ao atual campus da USP de Piracicaba. O estilo é inspirado nos jardins de palácios ingleses. (Arquivo do Museu da Esalq).

^{ix} Possivelmente inspirado na obra do economista liberal Adam Smith.

^x Em 15 de novembro de 1889, o menor salário mensal de um trabalhador registrado era de 25\$000. Um professor de nível secundário tinha um salário mensal de 167\$000 Réis. (Diniz, 2015)

^{xi} Eram cursos que lembram os cursos de extensão das contemporâneas universidades e institutos federais.

^{xii} Para mais informações sobre o conceito de “modernização conservadora” ver: Moore Junior (1975) e Ianni (1979).

^{xiii} Desde as empresas coloniais portuguesas esse controle já ocorria, porém, em tempos de República e após o processo formativo em Piracicaba, esses administradores rurais passariam controlar cientificamente o processo produtivo.

Referências

- Buffa, E., & Nosella, P. (2009). *Instituições escolares: Por que e como pesquisar*. Campinas, SP: Alínea.
- Coggiola, O. (2009). *As grandes depressões (1873-1896 e 1929-1939): Fundamentos econômicos, consequências geopolíticas e lições para o presente*. São Paulo: Alameda.
- Costa, E. V. da. (1997). *Da monarquia à república: Momentos decisivos*. São Paulo: Grijalbo.
- Diniz. (2015). *Sítio de numismática: Conversor de moedas*. Disponível em: <https://www.diniznumismatica.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html> (Acesso em 8 de janeiro de 2025).
- Gramsci, A. (2001). *Cadernos do cárcere* (Vol. 2) (C. N. Coutinho, Ed. e Trad.; L. S. Henrique & M. A. Nogueira, Co-Eds.) (2^a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Guerrini, L. (1970). *História de Piracicaba em quadrinhos*. Piracicaba: Edição do IHGP.
- Hobsbawm, E. J. (2004). *A era dos impérios, 1875–1914* (13^a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. J. (1998). *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ianni, O. (1979). *Ditadura e agricultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Löwy, M. (1998). A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. *Outubro*, 6, 73–80.
- Luxemburgo, R., & Parvus, A. (1978). *Greve de massas, partido, a causa da derrota: Debate sobre la huelga de masas (Segunda parte)* (2^a ed.). México: Ediciones Pasado y Presente.
- Molina, R. S. (2011). *Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP): Sua gênese, projetos e primeiras experiências (1881 a 1903)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Faculdade de Educação.
- Molina, R. S., & Jacomeli, M. R. M. (2016). Os ruralistas paulistas e seus projetos para a educação agrícola: A “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP) em Piracicaba (1881 a 1903). *Revista Brasileira de História da Educação*, 16(4), 190–215.
- Molina, R. S. (2018). História, instituições escolares e o materialismo histórico-dialético. *Revista HISTEDBR On-line*, 18(4), 1209–1228. <https://doi.org/10.20396/rho.v18i4.8652660>
- Moore Jr., B. (1975). *As origens sociais da ditadura e da democracia: Senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morimont, L. A. (1895). *Relatório da Fazenda São João da Montanha em Piracicaba pertencente ao Estado (1894): Apresentado ao Dr. Jorge Tibiriçá, Secretário dos Negócios da Agricultura do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typographia Paulista.

-
- Morimont, L. A. (1894–1896). *Correspondência manuscrita do dia 14 de março de 1894 a Torquato Leitão* [Livro de correspondências]. Acervo do Museu da ESALQ/USP.
- Morimont, L. A. (1893, 21 de agosto). Escola agrícola. *Gazeta de Piracicaba*. Acervo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.
- Pfromm Netto, S. (2013). *Dicionário de piracicabanos* (1^a ed.). São Paulo: PNA.
- Sanfelice, J. L., Jacomeli, M. R. M., & Penteado, A. E. A. P. (Orgs.). (2016). *História de instituições escolares*. Bragança Paulista, SP: Margem da Palavra.
- Saviani, D. (2011). Antecedentes, origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. In A. C. G. Marsiglia (Org.), *Pedagogia histórico-crítica: 30 anos* (pp. xx–xx). Campinas, SP: Autores Associados.
- Silva, L. M. O. (2008). *Terras devolutas e latifúndio: Efeitos da lei de 1850*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Topik, S. (1987). *A presença do Estado na economia política do Brasil, de 1889 a 1930*. Rio de Janeiro: Record.
- Valdemarim, V. T. (2004). *Estudando as lições de coisas: Análise dos fundamentos filosóficos do método intuitivo*. Campinas, SP: Autores Associados.

Contribuições do autor:

Rodrigo Sarruge Molina - Contribuição do autor: Pesquisa e produção do artigo